

## **A Transcendência Biocêntrica: Ecoespiritualidade e Ética na Superação do Antropocentrismo e na Restauração da Sacralidade da Terra**

Biocentric transcendence: eco-spirituality and ethics in overcoming anthropocentrism and restoring the sacredness of the earth

Luiz Eduardo de Souza<sup>1</sup>  
Rafael Soares Duarte de Moura<sup>2</sup>

### **Resumo**

O modelo capitalista, fundamentado na relação de produção e consumo, intensifica a crise ecológica global, evidenciando a necessidade urgente de estabelecer princípios morais que sustentem a preservação do meio ambiente. A ética e a espiritualidade biocêntricas emergem como contrapontos ao antropocentrismo inerente ao capitalismo, propondo uma relação mais harmoniosa entre os seres humanos e os ecossistemas. Este artigo analisa como a concepção biocêntrica se integra a uma forma de religiosidade capaz de mitigar os efeitos prejudiciais do sistema econômico hegemônico que explora os recursos naturais de forma descontrolada. Por meio de pesquisa documental baseada nas obras de Leonardo Boff, discute-se a promoção de uma espiritualidade orientada para a conservação de todas as formas de vida, contrapondo-se à lógica de objetificação e exploração ambiental promovida pelo capitalismo.

**Palavras-chave:** Capitalismo; Ética biocêntrica; Meio ambiente; Leonardo Boff.

### **Abstract**

The capitalist model, based on production and consumption relations, intensifies the global ecological crisis, highlighting the urgent need to establish moral principles that support environmental preservation. Biocentric ethics and

---

<sup>1</sup> Doutor em Sociologia pela Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG, Minas Gerais, Brasil, Professor do Departamento de Ciências Sociais da Universidade Estadual de Montes Claros - UNIMONTES. E-mail [eduardounimontes@hotmail.com](mailto:eduardounimontes@hotmail.com)

<sup>2</sup> Doutor em Direito pela Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG, Minas Gerais, Brasil, Professor do Departamento de Direito Público Substantivo da Universidade Estadual de Montes Claros - UNIMONTES. E-mail [Rafael.moura@unimontes.br](mailto:Rafael.moura@unimontes.br)

spirituality emerge as counterpoints to the anthropocentrism inherent in capitalism, proposing a more harmonious relationship between humans and ecosystems. This article examines how the biocentric conception integrates with a form of religiosity capable of mitigating the harmful effects of the hegemonic economic system that exploits natural resources indiscriminately. Through documentary research based on the works of Leonardo Boff, the discussion focuses on promoting a spirituality oriented towards the conservation of all forms of life, opposing the logic of objectification and environmental exploitation promoted by capitalism.

**Keywords:** Capitalism; Biocentric ethics; Environment; Leonardo Boff.

## INTRODUÇÃO

A crise ecológica contemporânea impõe desafios existenciais à humanidade. Intensificada pela lógica capitalista de produção e consumo, essa crise evidencia a exaustão dos recursos naturais e o colapso dos ecossistemas. Frente a esse cenário, emerge a necessidade urgente de repensar as relações entre o ser humano e a natureza, superando o paradigma antropocêntrico que historicamente subordinou o meio ambiente às demandas econômicas.

Nesse contexto, o biocentrismo propõe uma inversão de perspectiva: ao reconhecer o valor intrínseco de todas as formas de vida e sua interdependência, defende uma ética baseada na harmonia e no respeito ao planeta. Essa concepção encontra ressonância em tradições filosóficas africanas, como os conceitos de *Ubuntu* e *Ukama*, que reafirmam a centralidade da vida e da comunidade cósmica.

Mais do que uma mudança de pensamento, o biocentrismo sugere uma transformação profunda das práticas sociais e espirituais. A ecoespiritualidade, nesse sentido, desponta como uma nova forma de religiosidade, não dogmática, voltada à preservação da vida e à restauração da sacralidade da Terra. Tal perspectiva convoca a humanidade a uma ética de corresponsabilidade planetária, na qual a espiritualidade é força mobilizadora para a construção de

um ethos global pautado na sustentabilidade, no respeito à diversidade da vida e na superação das lógicas destrutivas do capital.

## **1 - A ÉTICA BIOCÊNTRICA**

Diante da crise ambiental que o planeta enfrenta devido ao modelo capitalista hegemônico, amplia-se a necessidade de gerar princípios morais de defesa do meio ambiente. Para Taylor (1986), torna-se urgente a necessidade de uma moral que sirva de referência para toda a humanidade, uma vez que as ações humanas potencializadas pelo uso das tecnologias apresentam repercussões planetárias que, não raro, resultam em impactos destrutivos sobre o meio ambiente.

Nesse contexto, a ética biocêntrica representa um contraponto ao modelo antropocêntrico gestado no capitalismo. A função da ética biocêntrica, especialmente na perspectiva sustentada pelo teólogo brasileiro Leonardo Boff (2009), é redefinir o papel dos humanos no mundo natural, o que foi renunciado pela tradição antropocêntrica. Segundo Taylor (1986), as ações humanas afetam as mais variadas formas de vida terrestre, portanto, os humanos devem levar em consideração princípios éticos para com o planeta. O autor observa ainda que a ética não pode ser negada aos entes que não podem ou não possuem condições de enfrentar interesses humanos, como é o caso dos animais e vegetais.

A ética biocêntrica parte do princípio de que as criaturas vivas não são meras fontes de recurso e consumo, mas possuidoras de um valor intrínseco. Na obra *Ética da Vida – A Nova Centralidade*, Boff (2009a) ressalta que, diante da crise ambiental que afeta a vida no planeta Terra, uma questão se tornou essencial: como a humanidade deve viver sem afetar o frágil equilíbrio do planeta? A resposta a essa questão não é simples.

A crise pela qual passa o planeta é complexa e multifacetada, transcende a questão puramente ambiental e penetra nas esferas éticas, econômicas e sociais.

Esta não é uma crise de menor proporção ou abrangência; é uma crise estrutural, uma crise que atinge o cerne de nosso paradigma cultural e civilizatório. A sobrevivência humana, bem como a continuidade da vida em suas diversas formas, depende da adoção e perpetuação de princípios e valores que promovam a preservação e o respeito pela vida em todas as suas manifestações.

O pensamento biocêntrico desafia a noção dominante de que o valor da natureza reside apenas em sua utilidade para os seres humanos. Essa visão utilitarista, que subordina a natureza aos interesses humanos, está na raiz da degradação ambiental que testemunhamos hoje. Em contraste, a ética biocêntrica propõe uma reconciliação com a natureza, reconhecendo que todos os seres vivos, desde o menor organismo até os ecossistemas mais complexos, possuem um valor inerente que deve ser respeitado e protegido. Essa perspectiva convida a uma revisão profunda das nossas atitudes e comportamentos em relação ao meio ambiente, sugerindo que a humanidade deve adotar uma postura de humildade e reverência perante a natureza, em vez de arrogância e dominação.

Além disso, a ética biocêntrica questiona a dualidade entre humanos e natureza, que tem permeado o pensamento ocidental desde os tempos modernos. Essa dualidade, que coloca os seres humanos em oposição à natureza, como senhores de um mundo exterior, está sendo substituída por uma visão mais integrada e holística. O ser humano, na perspectiva biocêntrica, é visto como parte de um todo maior, interdependente dos outros seres vivos e dos processos naturais. Esta visão holística sugere que a saúde e o bem-estar humano estão inextricavelmente ligados à saúde e ao bem-estar do planeta, e que a destruição da natureza é, em última instância, uma forma de autodestruição.

A adoção de uma ética biocêntrica não se limita a uma mudança de mentalidade, mas exige uma transformação profunda nas práticas sociais, econômicas e políticas. Implica a revisão dos sistemas de produção e consumo, a promoção de práticas agrícolas sustentáveis, a proteção da biodiversidade, e o

respeito pelos direitos dos animais. Exige também uma nova forma de organização social, baseada na cooperação, na solidariedade e no respeito mútuo entre todas as formas de vida. Em última instância, a ética biocêntrica propõe uma nova forma de habitar o planeta, uma forma que seja sustentável, justa e compassiva.

Essa ética desafia o modelo capitalista hegemônico, que vê a natureza como um simples recurso a ser explorado para o lucro e o crescimento econômico. Em vez disso, a ética biocêntrica propõe um modelo de desenvolvimento que seja ecologicamente sustentável, socialmente justo e espiritualmente significativo, essa concepção deve estar alinhada com os princípios da biocentricidade, em que a vida em todas as suas formas é respeitada e valorizada.

Adotar essa nova ética exige uma mudança de paradigma, um deslocamento do antropocentrismo para o biocentrismo. Isso significa repensar nossa relação com a natureza, não como mestres, mas como guardiões e coabitantes deste planeta. Significa reconhecer que a sobrevivência da humanidade está ligada à sobrevivência do planeta e que, para garantir um futuro sustentável, devemos aprender a viver em harmonia com a natureza.

## **2 - ETHOS GLOBAL E PLANETÁRIO**

O planeta Terra é o único local habitável para todos os seres que nele vivem – a casa comum de todas as espécies que abriga. Os gregos antigos traduziam o termo "morada" como *ethos*; posteriormente, essa palavra ganhou o significado de ética, ou seja, um conjunto de normas de conduta adotado com fundamento ético. Ao tratar do termo *ethos* como morada, Boff (2010) observa que não se refere a um lar de poucos, mas ao planeta inteiro, uma morada comum para todos os humanos. Segundo o autor, "para nós hoje, o *ethos*-morada não é mais a nossa casa, a nossa cidade ou o nosso país. É o inteiro planeta Terra, efeito *ethos*-Casa Comum" (Boff, 2010, p. 157).

A posição apresentada por Boff (2010) provoca uma questão fundamental: qual deve ser o *ethos* que permite à humanidade conviver planetariamente, apesar das diferentes culturas, tradições, religiões e valores éticos? Para ele, faz-se necessário construir uma base comum a partir da qual os seres humanos possam articular um consenso mínimo, que salvaguarde e regenere o planeta Terra, esse organismo complexamente vivo.

A Terra foi constituída a partir de uma elaboração que teve seu início há quatro bilhões de anos. Lovelock (2006) descreve que, nesse processo, todos os acontecimentos estão interconectados, e o planeta Terra é formado por uma totalidade físico-química, biológica, socioantropológica e espiritual una e complexa. Sendo assim, a vida na Terra e da Terra aparece como emergência da complexidade de sua história, como uma matéria que se auto-organiza e, ao expandir-se, se autocria. Tal fenômeno obriga a humanidade a ir além do paradigma que fraciona: no lugar de uma visão reducionista, que coloca o ser humano como centro do universo, considera-se a criação de um paradigma que articula, relaciona tudo com tudo e vê a coexistência do todo e das partes. Desse modo, Boff (2010) aponta a necessidade de se conceber um *ethos* centrado na Terra e na humanidade, que apresente uma ética integradora e holística, que considere as interdependências entre pobreza, degradação ambiental, injustiça social, conflitos étnicos e crise espiritual.

Nessa nova ética pensada por Lovelock (2006) e Boff (2010), haverá um deslocamento da perspectiva antropocêntrica que governa o pensamento, sobretudo ocidental, para a perspectiva biocêntrica, capaz de gerar um novo estado para todo o planeta, no qual poderá reencontrar seu adequado equilíbrio para a manutenção da vida.

A concepção de Boff (2011) ética biocêntrica justifica-se pela necessidade de uma existência harmoniosa entre os humanos e a natureza. Ao adotar padrões que dão importância e centralidade à vida em escala universal, a humanidade

contribui para a autopreservação, uma vez que, ao adotar padrões que colocam a vida como prioridade em escala universal, a humanidade possibilita sua própria existência. O respeito pela natureza, a cooperação entre os povos e a busca por soluções que minimizem impactos ambientais e sociais são atitudes essenciais para a autopreservação de toda espécie humana. Quando valores como equilíbrio ecológico e justiça ambiental são incorporados às decisões globais, garantimos não apenas a continuidade da espécie humana, mas também a harmonia com todas as formas de vida que compartilham o planeta.

Boff (2011) ressalta a importância da construção de um novo *ethos*, que permita uma relação harmoniosa entre os humanos e todos os seres que habitam a comunidade biótica e planetária. Esse novo *ethos*, na perspectiva do autor, é pensado em termos globais, uma vez que apresenta a superação da ideia de estado-nação e enxerga a Terra como a pátria/mátria comum de toda a humanidade e de todas as formas de vida.

Esse conceito de *ethos* global e planetário exige, por sua natureza, uma reconfiguração das estruturas de poder e da própria concepção de soberania. Tradicionalmente, o estado-nação tem sido o principal agente de organização social e política, operando com base em fronteiras territoriais definidas e em identidades nacionais que, muitas vezes, promovem divisões entre os povos. No entanto, o desafio ecológico global, que ultrapassa fronteiras e afeta igualmente todas as nações, impõe a necessidade de um novo entendimento de soberania – uma soberania que seja compartilhada e que coloque a preservação do planeta acima de interesses políticos e econômicos individuais. Esse novo paradigma sugere uma transição de uma ética de exclusão, centrada na distinção entre "nós" e "eles", para uma ética de inclusão, em que a responsabilidade pelo bem-estar do planeta e de todos os seus habitantes é um compromisso comum.

Além disso, a ideia de um *ethos* planetário implica uma profunda mudança nos valores e práticas culturais. A pluralidade de tradições e religiões, que

historicamente tem sido fonte de conflito, deve ser vista sob uma nova luz – como expressões diversas de uma mesma busca humana por sentido e conexão com o cosmos. Boff (2011) propõe que, embora as culturas e as espiritualidades sejam variadas, todas devem compartilhar a capacidade de contribuir para a construção de uma ética global que respeite e celebre a diversidade enquanto promove a unidade. Cada tradição, religiosa e cultural, com suas visões e panoramas distintos pode oferecer perspectivas que alimentam a compreensão da humanidade sobre justiça e coexistência. Ao invés de serem barreiras, as diferenças culturais e religiosas podem servir como pontes para um diálogo que fortaleça a unidade, promovendo uma convivência harmoniosa e solidária.

Essa visão integradora e holística não apenas reconhece a interdependência entre todas as formas de vida, mas também valoriza a sabedoria ancestral que muitas tradições oferecem em termos de convivência harmoniosa com a natureza.

A realização desse *ethos* global demanda uma reeducação da humanidade, na qual a consciência ecológica e a responsabilidade planetária se tornam pilares centrais. Isso envolve a promoção de uma nova forma de educação que transcenda o antropocentrismo e que esteja enraizada em valores biocêntricos. A educação, nesse sentido, deve capacitar os indivíduos a reconhecerem sua interconexão com o planeta e a adotarem práticas que contribuam para a sustentabilidade e regeneração da Terra. Essa transformação educacional é essencial para o desenvolvimento de uma cidadania planetária, em que o respeito pelo ambiente e pelas futuras gerações é um valor universal.

O *ethos* planetário também desafia as noções tradicionais de progresso e desenvolvimento. Na lógica capitalista, o progresso é frequentemente medido pelo crescimento econômico e pelo aumento do consumo. Contudo, essa visão limitada e materialista do progresso, fomentada pelo sistema capitalista, tem levado à exploração insustentável dos recursos naturais e à degradação

ambiental. Um *ethos* global exige uma redefinição de progresso em que o bem-estar humano e planetário é colocado acima do crescimento econômico. Essa nova visão de desenvolvimento é baseada na sustentabilidade, equidade e justiça ambiental, promovendo uma economia que seja regenerativa em vez de exploradora.

Finalmente, a implementação de um *ethos* global e planetário depende da criação de novas instituições e mecanismos de governança que possam articular e implementar essa ética em escala global. Isso inclui a reforma de instituições internacionais existentes, como as Nações Unidas, para que possam desempenhar um papel mais eficaz na proteção do meio ambiente e na promoção da paz e justiça globais. Novas formas de cooperação internacional, baseadas na solidariedade e no respeito mútuo, são necessárias para enfrentar os desafios ambientais que transcendem fronteiras e afetam a todos.

### **3 - SUSTENTABILIDADE OU ÉTICA DA TERRA**

A crise manifestada na destruição da base de recursos naturais, no desequilíbrio ecológico, na degradação da qualidade de vida levou a “uma revisão dos princípios morais que guiam a conduta dos homens e que legitimam tomada de decisão sobre as práticas de uso dos recursos naturais” (Leff, 2009, p. 281).

Nesse sentido, Leff (2009) aponta para a necessidade de se criar uma “cultura ecológica”, um modo de proceder consciente e ético na relação humanidade/natureza. Sentindo-se donos do planeta e usando os recursos naturais para atender às suas necessidades humanas, sem levar em conta a mecânica de autorrenovação dos sistemas de funcionamento da Terra, os seres humanos levam o planeta à exaustão.

O ambientalista Deléage (1983) afirma que, em termos de ações concretas, o melhor mecanismo para salvar o meio ambiente global é fazer com que as

peças se tornem conscientes da real necessidade de se preservar a natureza, daí se floresce uma ética do cuidado com a Terra.

Conforme Leff (2009), a crise ambiental planetária emerge não somente da degradação das bases de sustentabilidade ecológica, mas também é fruto do processo civilizatório que adota valores de consumo e produção permanentes. De acordo com Leff (2009) a sustentabilidade vai além da visão tradicional, que muitas vezes se limita a aspectos técnicos ou econômicos. Esse autor entende esse conceito sob um prisma socioambiental ligado ao conhecimento ecológico, à cultura e à justiça social. Leff (2009) critica a ideia de desenvolvimento sustentável quando esta mantém a lógica do crescimento econômico sem considerar a complexidade das relações ecológicas e sociais. Desse modo, para atender às demandas dos mercados em constante expansão, os recursos naturais foram coisificados. Assim, “gerou-se também uma tendência para a homogeneização dos modelos produtivos, dos padrões de consumo e dos estilos de vida. Isso conduziu a uma desestabilização dos processos ecológicos” (Leff, 2009, p. 285).

O choque entre a produção de riquezas e a necessidade de se preservar os escassos recursos naturais é uma constante. De acordo com Gadotti (2000), a organização de estruturas econômicas e sociais são sustentáveis somente quando não colidem com as restrições de uma sociedade capitalista industrial, ou seja, com o lucro, a competitividade, a imposição das condições objetivas. Para o autor, o conceito de desenvolvimento sustentável é impensável e inaplicável, pois não seria possível afirmar que um crescimento sustentável, com equidade, é possível a partir da economia regida pelo lucro, pela acumulação ilimitada, pela livre concorrência e pela exploração do trabalho alheio. “A utopia posta pelos ecologistas de uma sociedade sustentável não é válida, se não tocarmos na questão central, as bases da economia” (Gadotti, 2000, p. 59).

Ainda segundo Gadotti (2000), a política econômica adotada por

governos, empresas privadas e pela sociedade em geral é caracterizada pelo desenvolvimento tecnológico e pelo avanço da ciência, aliados ao capitalismo, com a exacerbação da exploração da natureza. Assim, é preciso abandonar as leis do atual sistema e construir novas relações, livres do lucro, da exploração e da acumulação de capital, ou seja, relações de troca entre os humanos e a natureza. Gadotti (2000) aponta que é preciso romper com as elaborações que sustentam o atual sistema, baseado na exploração massiva dos recursos naturais. Assim, é necessário abandonar essa lógica puramente pautada sob o lucro e estabelecer novas formas de relação entre os seres humanos e o meio em que vivem, relações baseadas na cooperação e no respeito ao equilíbrio ecológico.

Leff (2011, p. 15) afirma que o termo sustentabilidade aparece “como uma condição para a sobrevivência humana e um suporte para se chegar a um desenvolvimento duradouro”. No entanto, a sustentabilidade pode representar uma pseudoalternativa que pretende manter a corrida desenvolvimentista da lógica capitalista. O desenvolvimento sustentável também pode ser compreendido como insustentável, uma vez que o crescimento econômico e o desenvolvimento tecnológico pressupõem níveis de industrialização, de poluição e de impacto ambiental que nada têm de sustentáveis.

De acordo com Leopold (2008), ao invés de adotar o conceito de sustentabilidade, é possível conceber a ideia de uma Ética da Terra. Desse modo, a compreensão do ser humano só pode ser realizada levando em conta que este ser faz parte da natureza e que não está posicionado acima dela. Essa ética é ambiental e não antropocêntrica, pois não fundamenta a responsabilidade nos interesses humanos e na perspectiva da produção.

A Ética da Terra estende a esfera de consideração moral aos animais, às plantas, aos solos, à água e a todos os elementos da natureza, aumentando a responsabilidade humana, na medida em que torna homens e mulheres responsáveis não apenas pela preservação dos recursos, mas também pela

sobrevivência da própria espécie.

Para Leopold (2008), é necessário que o sentido e a abrangência da ética sejam ampliados para a comunidade de vida, sendo esse o ponto de partida da Ética da Terra, termo criado por ele em 1949. A Ética da Terra alerta que é necessário alargar o sentido de comunidade para incluir solo, água, plantas, animais e coletivamente a terra, fazendo com que os humanos nutram uma identificação com todos os elementos do planeta.

O pressuposto da ética pensada por Leopold (2008) é o de que a Terra é uma comunidade biótica na qual o elemento humano é apenas parte de um conjunto interligado de múltiplas formas de vida em que não existem frações mais relevantes. A crise ambiental que assola todo o globo exige uma ética que seja planetária voltada para a manutenção e preservação dos ambientes que permitem a reprodução da vida, seja ela humana ou não. Para isso, é necessário respeitar as leis naturais dos ecossistemas. A ética planetária representa, portanto, o respeito às normas inscritas pela natureza e o dever dos seres humanos é dar-se conta dessas normas e adequar-se a elas.

Na dimensão filosófica de Kakosi (2019), a existência não se limita apenas ao ser humano, mas se expande para toda a teia da vida. Essa condição nos convida a refletir sobre o biocentrismo como um princípio ético e ontológico que valoriza a interdependência entre humanos e não-humanos.

Diferente de uma perspectiva antropocêntrica, em que o humano é o centro absoluto da existência, o biocentrismo africano reconhece que todos os seres – árvores, rios, montanhas, animais e espíritos da natureza – possuem um valor intrínseco e uma função na ordem cósmica. O respeito por essa rede de vida é essencial para manter a harmonia entre os seres.

A filosofia de Kakosi ressalta a ética africana que não separa natureza e humanidade; respeitar a vida não-humana não é apenas um dever moral, mas uma necessidade para a continuidade da existência. A quebra dessa harmonia,

particularmente impulsionada pelo progresso desenfreado e pela exploração predatória, resulta no desequilíbrio ambiental e na alienação do humano em relação ao seu verdadeiro lugar no cosmos. A cura desse distanciamento está no retorno ao princípio de interconexão: uma vida na qual humanos e não-humanos compartilham não apenas o espaço, mas o direito à existência digna, uma elaboração ética que envolve a Terra e todos os seus elementos.

A Ética da Terra é constituída a partir da compreensão da interdependência biótica de todos os seres vivos e demais elementos da natureza. Essa perspectiva representa uma transformação da significação do conceito de identidade e de comunidade, já que não se reduz aos entes de uma mesma espécie, pois é planetária e global.

A crise ecológica exige não apenas resposta aos problemas ambientais causados pela ação humana, mas também impõe a necessidade de um novo paradigma biocêntrico de percepção do mundo e da natureza. Para Leopold (2008), a Ética da Terra exige uma transformação cultural que supere a visão reducionista e alcance um enfoque planetário da natureza. Trata-se da passagem de uma perspectiva ética antropocêntrica para uma ética biocêntrica.

A religião tem um papel relevante na construção de um *ethos* planetário capaz de forjar uma ética planetária que leve em consideração a natureza, seu equilíbrio e a importância da vida universal. Como afirma Boff (2003), a religião é um instrumento capaz de fazer valer e garantir o caráter universal de um consenso mínimo entre os povos. Para ele, a religião, por mais generalizada que seja, é mais universal e mais compreensível para os povos de diversas culturas da Terra. Ainda segundo o autor, “para superarmos a crise, precisamos elaborar um novo sonho e articular um novo sentido de vida. No dialeto religioso, diríamos, precisamos de uma nova espiritualidade” (Boff, 2003, p. 91).

Essa nova espiritualidade é a que articula a religião entre a humanidade e a natureza, colabora para superar a lógica de coisificação dos recursos naturais

e constitui a possibilidade para novas experiências em relação aos princípios antropocêntricos adotados pelas religiões abraâmicas. Essa perspectiva religiosa cria um novo processo de humanização capaz de construir uma realidade planetária que observe a necessidade de manutenção da vida terrestre.

#### **4 - ÉTICA E ESPIRITUALIDADE BIOCÊNTRICAS: A CONTRIBUIÇÃO DE LEONARDO BOFF**

A crise ambiental, sucintamente analisada na seção anterior, impõe um novo horizonte para as religiosidades contemporâneas: como a humanidade deve viver sem afetar o frágil equilíbrio do planeta? A lógica antropocêntrica das religiões abraâmicas, como o Cristianismo, atribui aos humanos um valor inerente, conferindo-lhes o direito à dignidade, mas não abarca uma ética capaz de conferir valor à natureza e aos seres não humanos.

A ética antropocêntrica das religiões abraâmicas está limitada à espécie humana e, por isso, não consegue ter abrangência propriamente planetária. Para fomentar uma ética biocêntrica, as religiões precisam observar a ligação existente entre os humanos e a natureza, que é complexa e profundamente conectada. No contexto desse desafio às diversas expressões religiosas, e ao Cristianismo em particular, destaca-se o pensamento de Leonardo Boff, teólogo e filósofo cujas ideias têm amplitude internacional. Esse pensador contemporâneo defende uma postura biocêntrica para a humanidade, em especial na dimensão do campo religioso. Para ele, a ética da vida ocupa a nova centralidade, inclusive na dimensão das espiritualidades.

Crítico do modelo antropocêntrico, Boff (2011) afirma que a humanidade é parte de uma totalidade maior e que todos os elementos do universo estão interligados entre si. Leonardo Boff não é o único intelectual a questionar o modelo antropocêntrico, mas é uma referência no que tange ao paradigma

biocêntrico que se descortina – sua obra é essencial para o estudo da ética e da espiritualidade em que a comunidade de vida universal apresenta centralidade.

Boff propõe uma transformação radical nas bases das espiritualidades tradicionais, especialmente aquelas influenciadas pelo pensamento antropocêntrico que coloca o ser humano no centro do universo moral e ético. Para ele, é necessário ampliar essa perspectiva, reconhecendo que a espiritualidade não deve se restringir à salvação individual ou ao bem-estar humano, mas deve englobar a integridade e a saúde do planeta como um todo. Boff sugere que a espiritualidade deve ser uma força que promova a harmonia entre todos os seres vivos, transcendendo as barreiras impostas pelas doutrinas religiosas que, historicamente, separam o humano do resto da criação.

A contribuição de Boff para a ética biocêntrica também se destaca pela sua insistência na sacralidade da Terra. Para ele, a Terra não é apenas um recurso a ser explorado ou um palco para a vida humana, mas um ente vivo que merece respeito e reverência. Boff vê a Terra como Gaia, um organismo vivo e dinâmico que sustenta todas as formas de vida. Essa visão ecoespiritual contrasta fortemente com a visão mecanicista e utilitarista da natureza, promovida por séculos de pensamento ocidental, que reduziu a Terra a um conjunto de recursos à disposição do homem.

Ao promover a sacralidade da Terra, Boff também se alinha a diversas tradições espirituais indígenas e não ocidentais que veem a Terra como sagrada e entendem a relação entre os seres humanos e a natureza como uma relação de interdependência e respeito mútuo. Para essas tradições, o desrespeito à Terra é visto como um ato de violência não apenas contra a natureza, mas contra a própria comunidade humana. Boff incorpora essa perspectiva em seu pensamento, argumentando que uma ética biocêntrica exige que a humanidade reconheça a Terra como um parceiro na jornada da vida, e não como uma mera ferramenta para a realização de desejos humanos.

Além disso, a obra de Boff sugere que a espiritualidade biocêntrica pode servir como um fundamento para a construção de uma nova ética global, uma ética que transcende as fronteiras nacionais e religiosas e que se baseia em uma preocupação compartilhada com o bem-estar do planeta. Ele argumenta que as crises ambientais que enfrentamos hoje – desde a mudança climática até a perda de biodiversidade – são sintomas de uma crise espiritual mais profunda, uma crise que resulta da desconexão entre os seres humanos e a natureza. A superação dessa crise, segundo Boff, depende da capacidade da humanidade de desenvolver uma nova espiritualidade que celebre a interconexão de toda a vida e que inspire ações que protejam e preservem a Terra para as futuras gerações.

Por fim, Boff acredita que a espiritualidade biocêntrica não é apenas uma resposta às crises ambientais, mas também uma fonte de renovação moral e espiritual para a humanidade. Em um mundo marcado por desigualdades sociais, violência e alienação, a espiritualidade biocêntrica oferece um caminho para a reconciliação – entre os seres humanos e entre a humanidade e a natureza. Ela desafia os indivíduos a reavaliar suas prioridades, a cultivar a compaixão e a responsabilidade, e a se comprometer com a construção de um futuro no qual a vida em todas as suas formas seja respeitada e protegida.

Essa visão ampla e integradora da espiritualidade biocêntrica, como proposta por Boff, representa uma mudança paradigmática que não só responde aos desafios do presente, mas também abre caminho para um futuro em que a humanidade possa viver em harmonia com o planeta e todas as formas de vida que ele sustenta. É uma espiritualidade que chama a atenção para a nossa responsabilidade compartilhada de cuidar da Terra, não como mestres, mas como guardiões e coabitantes deste vasto e interconectado sistema de vida<sup>3</sup>.

---

<sup>3</sup> As religiões afro-brasileiras e afro-indígenas são tradições espirituais profundamente enraizadas na relação entre o sagrado e a natureza. No Brasil, religiões como o Candomblé e a Umbanda, de matriz africana, e tradições espirituais indígenas, como os rituais xamânicos e o culto aos encantados, compartilham uma visão de mundo em que os elementos naturais — rios, florestas, montanhas e animais — são sagrados e habitados por forças espirituais.

## **5 - COMPLEXIDADE UNIVERSAL: A RELIGAÇÃO CÓSMICA**

Boff (2009b) argumenta que a religação universal deve sustentar um novo modelo de pensamento, que leva em conta a totalidade/diversidade do cosmo, da interdependência entre as espécies e da complexidade nas relações entre tudo o que existe. O universo, a Terra e a humanidade são totalidades orgânicas e dinâmicas, ou seja, tudo o que existe fisicamente, a totalidade do espaço e tempo, todas as formas de matéria e energia, além da própria espiritualidade, tem um aspecto diverso e plural, mas também é parte de uma singularidade que é parte de uma totalidade. Boff (2009) ressalta que todos os seres estão intimamente conectados e precisam um do outro para existir de forma interdependente. Embora a existência de cada ser ou substância seja única, ela somente será possível se houver outros elementos que contribuam de maneira decisiva.

Entre tudo o que existe há complexas relações sistêmicas que ocorrem em todo o universo. Todos os seres e elementos vivem em uma profunda teia de relações da qual é impossível escapar e na qual cada um ocupa seu devido lugar.

Nesse campo de força, cada qual tem seu papel e sua função específica, porém cada função está relacionada a outra função, e o somatório total de todas essas relações é o que constitui o universo. “O universo é mais do que o conglomerado de todos os seres existentes. Antes, consiste em uma complexíssima rede de relações em todas as direções e em todas as formas, entre todos os seres existentes” (Boff, 2009b, p. 91).

Cada elemento é particular, mas esta particularidade é integrada a um conjunto de todas as partes de forma dinâmica. E, ao mesmo tempo, tudo é singular e plural e não está dissociado do todo universal – a totalidade é feita de diversidades interligadas. “O ser humano é parte do sistema humanidade. A

humanidade é parte do sistema animal; este, da Terra que, por sua vez, pertence ao sistema sol, ao sistema Via-Láctea, ao sistema universo em expansão” (Boff, 2009b, p. 93). O sistema humanidade, conforme Boff, é um conceito que ele desenvolve a partir de uma visão holística e ecológica da humanidade. Esse teólogo sustenta que a humanidade não pode ser vista como um conjunto de indivíduos isolados, mas sim como um sistema vivo e interconectado, que inclui as relações entre os seres humanos, a natureza e o cosmos. Esse conceito se vincula à ética do cuidado, uma das bases do pensamento de Boff, que sugere que devemos cuidar uns dos outros e do planeta, pois tudo está interligado.

No que tange à complexidade, Boff (2009b) afirma que ela se manifesta na dinâmica universal, que é uma totalidade inteligente que se auto-organiza. O universo se expande e, ao mesmo tempo, se organiza; ao fazer isso, gera novas complexidades. O processo criador e organizador do universo sustenta e perpassa todas as coisas que existem. Tudo o que existe são emergências do universo em constante evolução e, para a devida compreensão de cada coisa, deve-se analisar o amplo espectro deste universo vivo, inteligente, auto-organizativo e ascendente em direção a complexidades ainda maiores.

Para Boff (2009b), tudo está relacionado com tudo em ciclos infinitos; os opostos se complementam e são recíprocos; diferenciam-se, mas estabelecem relações; separam-se e unem-se, pois são dimensões de uma mesma realidade; e tudo o que existe preexiste e coexiste. Isso significa que nada pode ser entendido sem levar em conta sua referência histórica e relacional, e que nenhum ser está pronto ou acabado.

A existência de um ser ou coisa é fruto de uma sucessão de fatos decorridos em uma linha temporal; nada é dissociado dos elementos ocorridos, e todos os seres, por estarem interligados, têm também um destino comum, pois cada ser vive em um ecossistema do qual é integrante. Essa interação não ocorre apenas entre os humanos, ela é formada por toda a cadeia que permite a

existência da vida; ao afetar ou modificar seu meio ambiente, o ser humano também é afetado, é uma relação recíproca em que o destino individual é entrelaçado ao destino da comunidade de vida.

Para a integração plena à religião espiritual e cósmica, Boff (2009b) afirma que os humanos devem adotar uma atitude radical e irrestrita de abertura a uma perspectiva complexa, que represente um panorama de aproximação estreita com tudo o que existe. Para isso, deve-se superar a lógica antropocêntrica presente na esfera filosófica, científica e religiosa de muitos sistemas de pensamento. Conforme o autor,

o espírito, em seu sentido originário, donde vem a palavra espiritualidade, é a qualidade de todo o ser que respira. Portanto, é todo ser que vive, como o ser humano, o animal e a planta. Mas não só. A Terra toda e o universo são vivenciados como portadores de espírito (Boff, 2009b, p. 83).

Boff (2009b) salienta que tudo o que existe é de propriedade da comunidade cósmica. Os elementos da natureza e todos os astros celestiais pertencem ao universo interconectado no qual tudo tem sua função. E, no planeta Terra, o ser humano pode interferir no ritmo da natureza, por isso pode ser tanto um ser destrutivo (satã) quanto criativo (o guardião). Em sua essência, a humanidade traz essa ambiguidade, é portadora da destruição, mas também pode ser portadora da construção.

O panorama complexo, interligado e biocêntrico representa uma noção abrangente e holística sobre o universo. De acordo com Boff (2009b), é um novo paradigma, porque fornece a base teórica necessária para resolvermos os atuais problemas do sistema-Terra em processo acelerado de degradação. Esse paradigma complexo propicia enxergar a interdependência e mutualidade com todos os seres e com o universo, rompendo com o antropocentrismo, pois adota

a percepção de que os humanos formam um conjunto com a Terra, e a comunidade cósmica é vital.

## **6 - A UNIDADE E A DIMENSÃO DA TERRA**

Analisar o ser humano como um elemento pertencente à própria Terra é a tese biocêntrica por excelência. É a ideia de que o planeta e todos os seus habitantes formam um só elemento; tudo o que existe na Terra é parte da mesma realidade complexa, diversa e ao mesmo tempo única e una. Essa análise, presente no pensamento de Boff (2010), rompe de forma profunda com o antropocentrismo, pois objetiva demonstrar que a espécie humana, assim como todas as outras, é a própria Terra.

A palavra “homem” é a evolução de *hominem*, que em latim vulgar já teria a forma *homine*, a palavra latina que se traduz em *húmus*, que quer dizer “solo, terra”. Por meio da etimologia da palavra “homem” é possível estabelecer uma relação entre os humanos e a Terra. Boff (2010) afirma que a Terra está dentro da espécie humana, esta espécie é a Terra que, em sua evolução, chegou ao estágio de sentimento, de compreensão, de vontade, de responsabilidade e de veneração. Para ele, a humanidade é a própria Terra em seu momento de autorrealização e de autoconsciência; essa percepção não é ilusória ou metafórica.

Tal asserção pressupõe que o ser humano não está apenas sobre a Terra. Não é um peregrino, um passageiro vindo de outras partes e pertencente a outros mundos. Ele é feito de húmus (terra fértil), de onde vem a palavra homem, *homo* em latim. Ele é Adam, “que em hebraico significa filho da Terra”, que nasceu de “Adamaah (terra fecunda). Ele é filho e filha da Terra. Mais ainda, ele é a própria Terra que, num momento avançado de sua evolução, começou a sentir, a pensar, a amar e a venerar” (Boff, 2010, p. 31).

Boff (2010) sustenta a ideia de que todos os elementos que existem no planeta são formados a partir da mesma energia e elementos físico-químicos, que

atuam dentro de uma rede de relações complexas que existe há cerca de 15 bilhões de anos. Por isso, ao conhecer a história do universo, a humanidade estaria conhecendo a si própria e a sua ancestralidade. A comprovação dessa tese se dá por meio de cinco atos ou condições que determinam a relação complexa entre todas as coisas que existem no universo.

A primeira condição é o elemento cósmico que brotou no universo ainda em processo de expansão; tal elemento se expande, se autocria e se diversifica, estando presente em tudo o que existe. O segundo é o elemento químico, que estava presente nas grandes estrelas e formou todas as substâncias e matérias que hoje constituem cada um dos seres, como o oxigênio, o carbono, o silício e o nitrogênio; esses elementos circulam pelo corpo humano, mas também estão presentes em outros animais, nos vegetais e nos minerais. O terceiro é o elemento biológico, da matéria que se complexifica e se enrola sobre si mesma, num processo chamado de *autopoiese* (autocriação e auto-organização). O quarto elemento é o humano, o princípio de complexidade e de autocriação encontra nos seres humanos possibilidades de expansão. E o quinto elemento é o planetário, que surge quando a humanidade se descobre em unidade com o planeta e todas as formas de vida que nele estão abrigadas.

## **7 - A SACRALIDADE DA TERRA: ECOESPIRITUALIDADE, UMA ESPIRITUALIDADE BIOCÊNTRICA**

A união profunda entre humanidade e Terra é mais do que um novo ensaio civilizatório. Em *Ética e Ecoespiritualidade*, Boff (2011) afirma que a crise ecológica atual começará a ser superada quando se anunciar uma nova experiência de sentido, fruto de uma imersão mais profunda no ser e nos mistérios das coisas. Para ele, desse mergulho profundo no ser e nos mistérios emergirá uma nova espiritualidade. Trata-se da ecoespiritualidade ou espiritualidade ecológica, cujos princípios éticos estão centrados na Terra, como Gaia, como casa comum; e, como prospecta Boff (2011), o lugar da realização da

nova humanidade, biocêntrica e reconciliada com suas raízes telúricas.

A ecoespiritualidade é uma forma de espiritualidade alicerçada em ações e valores que fazem interconexões entre o humano e a natureza, em que o humano e a própria Terra possuem uma mesma origem e destino. A ecoespiritualidade supera a lógica do consumo e da produção, dá importância ao ideal de planetização do mundo e a uma sociedade integrada, que supera o conceito da individualização e do antropocentrismo. A ecoespiritualidade representa o despertar de uma nova consciência, de administração e cuidado com a única casa comum, que, superpovoada, com recursos escassos e devastação crescente, enfrenta graves ameaças. Essa espiritualidade é fruto da emergência da sociedade constituída por uma espécie humana mais solidária, com um novo contrato natural e social com a Terra, tida como Mãe.

A perspectiva ecoespiritual defendida por Boff implica uma reconciliação entre a humanidade e a natureza, uma retomada da consciência de que o destino humano está intrinsecamente ligado ao destino do planeta. Em uma era marcada pela alienação e pela ruptura com a natureza, a ecoespiritualidade surge como um caminho de retorno às raízes mais profundas da existência, uma reconexão com as forças telúricas que sustentam a vida. Boff argumenta que essa espiritualidade não é um simples retorno a práticas ancestrais, mas uma nova forma de compreensão, que integra o conhecimento científico com uma reverência espiritual pela Terra.

Essa espiritualidade renovada desafia a lógica predominante da modernidade, que vê a natureza como um objeto de manipulação e exploração. Em vez disso, a ecoespiritualidade propõe uma visão holística, na qual a Terra é reconhecida como um ser vivo, um superorganismo que merece respeito e proteção. Esse reconhecimento leva a uma ética de cuidado que se manifesta em práticas concretas de preservação ambiental, consumo consciente e promoção da justiça ecológica. Boff sugere que essa ética deve ser o fundamento de uma nova

ordem mundial em que a sobrevivência da Terra e de todas as suas formas de vida seja a prioridade absoluta.

Boff (2011) afirma que, dada as condições de destruição em que se encontra o planeta Terra, toda a sociedade necessita de uma corresponsabilidade planetária. Para ele, "somos responsáveis pela vida ou pela morte de nosso planeta vivo. Depende de nós o futuro comum, nosso e de nossa querida casa comum: a Terra" (Boff, 2011, p. 72). Reconhecer-se na dimensão planetária torna os humanos anjos bons capazes de salvar a vida na Terra. Os eixos estruturadores da ecoespiritualidade estão ligados à vida, ao cuidado, à cooperação e ao respeito, especialmente pela Terra.

A ecoespiritualidade, segundo Boff, não é apenas uma questão de crença ou fé, mas uma prática diária de respeito à vida em todas as suas formas. Esse respeito se manifesta na maneira como nos relacionamos com os recursos naturais, como tratamos os outros seres vivos e como estruturamos nossas sociedades. Boff argumenta que uma verdadeira ecoespiritualidade exige mudanças profundas na economia, na política e na cultura, uma transição para um modo de vida que esteja em harmonia com os ciclos naturais da Terra. Isso inclui uma revisão das práticas de produção e consumo, a promoção de energias renováveis, a proteção das florestas e dos oceanos, e a adoção de políticas que promovam a justiça social e ambiental.

Além disso, Boff (2011) compreende que o ser físico possui uma ligação intrínseca com o ser espiritual, e que ambos são tão ancestrais quanto o próprio universo. A espiritualidade, em sua visão, é um princípio vital que permeia toda a existência, um dinamismo que impulsiona a vida em direção à plenitude. Para Boff, a espiritualidade ecoa na própria estrutura do cosmos, sendo a força que mantém a interconexão de todas as coisas. Ao reconhecer a Terra como Gaia, um superorganismo vivo, a ecoespiritualidade nos convida a ver o planeta não apenas como um meio de sobrevivência, mas como uma fonte de irradiação vital,

um organismo do qual fazemos parte e do qual depende nossa existência.

Na ecoespiritualidade, o ser humano "refaz essa experiência espiritual de fusão orgânica com a Terra, a fim de recuperar suas raízes e experimentar sua própria identidade radical" (Boff, 2011, p. 80). Essa fusão orgânica com a Terra não é meramente simbólica, mas uma experiência concreta que se expressa em atitudes e comportamentos que refletem um profundo respeito e cuidado pela natureza. Boff nos convida a redescobrir nossa identidade como parte da comunidade planetária, uma comunidade que inclui não apenas os seres humanos, mas todos os seres vivos e os elementos da Terra.

A ecoespiritualidade, portanto, é a interação espiritual entre o ser humano e a natureza, que se traduz na benevolência com todas as formas de vida e no amor para com a Terra, em que a espiritualidade possui uma dimensão planetária e universal. Ela nos chama a transcender os limites do egoísmo e da autossuficiência, a abraçar uma ética de interdependência e solidariedade que reconheça a sacralidade da vida em todas as suas formas. É uma espiritualidade que nos desafia a rever nossos valores e prioridades, a viver de maneira que honre a Terra e todas as suas criaturas, e a contribuir para a construção de um futuro sustentável e justo para todos.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Este trabalho evidenciou que a emergência de uma nova espiritualidade, sustentada por uma percepção ecológica e biocêntrica, representa uma transformação profunda das estruturas sociais, políticas e religiosas contemporâneas. Mais do que uma mudança de paradigma, trata-se de uma reconfiguração ética e espiritual que recoloca a vida, em todas as suas formas, no centro das preocupações humanas.

A adoção de um horizonte biocêntrico não se limita à preservação ambiental: simboliza a restauração da dignidade da Terra como espaço sagrado,

demandando uma reconexão entre a humanidade e a natureza. Nesse contexto, a espiritualidade biocêntrica assume papel central ao propor uma ética de corresponsabilidade planetária, que transcende fronteiras culturais e religiosas e propõe um novo modelo civilizatório, pautado no respeito, na cooperação e na justiça ecológica.

As tradições indígenas oferecem uma lição crucial ao reconhecerem a Terra como ente vivo e sagrado. Essa cosmopercepção reforça a necessidade de superar a lógica utilitarista e extrativista do capitalismo, que transforma a natureza em mercadoria. A exploração desigual da Terra, concentrada nas mãos de poucos, aprofunda injustiças sociais e agrava a degradação ambiental, exigindo uma revisão profunda das estruturas de poder e de propriedade.

O biocentrismo, ao articular ética, espiritualidade e justiça social, propõe uma alternativa viável e necessária à lógica produtivista dominante. Ele nos convida a redescobrir o valor do encantamento com o cosmos e a reconhecer que a verdadeira riqueza está na preservação da integridade da Terra e na construção de uma nova ética global. Assim, a espiritualidade biocêntrica desponta como resposta ética e ontológica aos desafios do nosso tempo, sendo condição essencial para a continuidade da vida e para a construção de um futuro sustentável e justo para todos os seres.

## **REFERÊNCIAS**

BOFF, Leonardo. Humanismo e Biocentrismo. *In*: UNGER, Nancy Mangabeira (Org.). *Fundamentos Filosóficos do Pensamento Ecológico*. São Paulo: Edições Loyola, 1992.

BOFF, Leonardo. *Civilização planetária: desafios à sociedade e ao cristianismo*. Rio de Janeiro: Sextante, 2003.

BOFF, Leonardo. *Ecologia: grito da Terra, grito dos pobres*. Rio de Janeiro: Sextante, 2004.

BOFF, Leonardo. A Carta da Terra e a Consciência Planetária. Um Olhar “de dentro”. *In*: OLIVEIRA, P. A. R.; SOUZA, J. C. A. (Org.). *Consciência Planetária e Religião – Desafios para o século XXI*. São Paulo: Paulinas, 2009a.

BOFF, Leonardo. *Ética da vida: a nova centralidade*. Rio de Janeiro: Record, 2009b.

- BOFF, Leonardo. *Cuidar da Terra, proteger a vida – como evitar o fim do mundo*. Rio de Janeiro: Record, 2010.
- BOFF, Leonardo. *Ética e ecoespiritualidade*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.
- DELÉAGE, Jean-Paul. *História da Ecologia*. Alfragide (Portugal): Ed. Dom Quixote, 1983.
- GADOTTI, Moacir. *Pedagogia da terra*. São Paulo, Petrópolis. 2000.
- GUATTARI, Félix. *As três ecologias*. Trad. Maria Cristina F. Bittencourt. Campinas: Papirus, 1990.
- KAKOZI, Jean Bosco. *Filosofia africana: a luta pela razão e uma cosmovisão para proteger todas as formas de vida*. 2018. Disponível em: [www.sul21.com.br/ultimasnoticias/geral/2018/05/filosofia-africana-a-luta-pela-razao-e-uma-cosmovisao-para-protegetodas-as-formas-de-vida/](http://www.sul21.com.br/ultimasnoticias/geral/2018/05/filosofia-africana-a-luta-pela-razao-e-uma-cosmovisao-para-protegetodas-as-formas-de-vida/). Acesso em 27/03/2025.
- LEFF, Enrique. *Ecologia, Capital e Cultura – a territorialização da racionalidade ambiental*. Trad. Jorge E. Silva. Petrópolis: Vozes, 2009.
- LEFF, Enrique. *Saber Ambiental: sustentabilidade, racionalidade, complexidade, poder*. Trad. Lúcia Mathilde Endlich Orth. Petrópolis: Vozes, 2011.
- LEOPOLD, Aldo. *Pensar como uma montanha*. Águas Santas: Edições Sempre-em-Pé, 2008.
- LOVELOCK, Jaime. *Um novo olhar sobre a Terra*. Rio de Janeiro: Editora Intrínseca, 2006.
- TAYLOR, Paul W. *Respect for nature. A Theory of environmental ethics*. New Jersey: Princeton University Press, 1986.

Recebido em: 29/10/2024,  
Aprovado em: 07/04/2025.